



O carnaval afro-brasileiro em Salvador: patrimônio da cultura brasileira¹

Joseania Miranda Freitas²

A trajetória dos chamados blocos-afro - elementos importantes da herança cultural afro-brasileira- ainda não está devidamente documentada e/ou exposta no Museu Afro-Brasileiro de Salvador. Este texto apresenta parte do Projeto para a Implantação da Nova Setor do Museu Afro-Brasileiro: Setor da Herança Cultural Afro-Brasileira. O projeto agrega estudantes dos cursos de Museologia (Universidade Federal de Bahia) e História com Concentração em Patrimônio Cultural (Universidade Católica de Salvador). Diversos temas relacionados com o âmbito da resistência político-cultural, e da afirmação da identidade afro-brasileira são tratados no projeto Apresentaremos somente uma síntese da investigação sobre a participação dos blocos afro-brasileiros no carnaval de Salvador. Este conjunto de ações políticas e culturais é parte do patrimônio cultural, compreendido como portador de valores de um povo, com sua matriz intangível (quanto herança cultural) e materializado, de forma tangível, na cultura material

¹ Texto originalmente apresentado em conferência na Universidade do Norte, em Barranquilla (Colômbia) em 26/02/2004, publicado em espanhol na Revista Brasileira do Caribe, volume 08..

produzida para as celebrações do carnaval (instrumentos musicais, músicas, danças, adornos, indumentária, etc.).

Em dezembro de 2003, no âmbito do XII Encontro Regional do ICOFOM-LAM, realizado na cidade de Salvador, cujo tema foi Museologia e Patrimônio Regional na América Latina e no Caribe, iniciou-se uma possibilidade de intercâmbio entre as investigações sobre os carnavais de origem africana em Salvador e no Caribe, especialmente na cidade de Barranquilla, através do contato com a professora Martha Sofia Lizcano do Departamento de História e Ciências Sociais da Universidade do Norte. Neste sentido, visitamos a cidade para conhecer seu carnaval, que recebeu da UNESCO a distinção de *Obra Prima do Patrimônio Oral e Intangível da Humanidade* em novembro de 2003, para observar a presença e a influência afro-caribenha em suas diversas expressões de musicalidade, indumentária, dança, etc. Assim, a produção deste texto se configura como a primeira atividade conjunta, na qual se apresenta uma síntese panorâmica da participação afro-brasileira no carnaval de Salvador e seu reconhecimento como patrimônio cultural da sociedade brasileira, para no futuro realizar estudos mais aprofundados e comparativos sobre esta importante herança cultural. Historicamente, os registros de memórias de diferentes povos afro-descendentes foram negados ou registrados segundo a ótica das elites. Na atualidade os grupos de afro-descendentes reivindicam seus registros, através de ações sociais, educativas e culturais. Durante um longo período foi marcante a invisibilidade do negro na instituição museu, a qual é responsável oficialmente pelos registros da memória e da história nacional, tanto no Brasil, como nos demais países colonizados, porém os movimentos sociais lutaram para que as imagens dos povos africanos e de seus descendentes, não sejam resumidas somente às representações de um passado escravista (enquanto escravista, que ponha de relevo as lutas contra o sistema). Nesta perspectiva, o patrimônio cultural é considerado como algo dinâmico e transformador, que convida à reflexão, fazendo que os grupos culturais conheçam sua própria herança e a de outros grupos, procurando aproximações ou contrastes.

No século XIX, a partir da instalação da coroa portuguesa no Brasil, começou, mais sistematicamente, um movimento em torno da produção e definição de políticas culturais, sendo a cultura compreendida como produto da erudição de uma elite. Por tanto, foi necessário traçar

² Professora do Departamento de Museologia e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia.

um perfil do país, feito por homens de ciência, nas instituições recém criadas, que representavam não somente a garantia da transformação da colônia em sede da monarquia portuguesa, como “[...] um centro produtor e reproduzidor de sua cultura e memória.” (Schwarcz, 1993, p.24).

Desde sua gestação, as instituições culturais brasileiras são de modelo europeu. É importante não esquecer que a representação do modelo de nação estava influenciada pelas investigações dos cientistas europeus, baseadas em idéias raciais. O racismo, que se afirma nas idéias raciais e etnocêntricas, para justificar a dominação política de um povo sobre o outro e o etnocentrismo, entendido como a “dificuldade de pensarmos na diferença” (Rocha, 1994, p. 7), estão presentes em todas as sociedades e em todos os tempos, mas a civilização ocidental cristalizou o etnocentrismo no racismo, como um conjunto de normas, valores e formas de ser e estar no mundo, determinando que as diferenças são fatores primordiais para a hierarquia em culturas e povos superiores e inferiores.

Para justificar a colonização e a escravidão, a intelectualidade brasileira esteve apoiada nas idéias evolucionistas, criticadas e/ou aceitas na Europa. A opção por estas teorias, segundo Ortiz (1985) e Schwarcz (1993), não foi por casualidade, mas como uma maneira de justificar o processo de dominação, principalmente a dominação cultural, justo no momento em que o país vivia seu processo abolicionista que representou a decadência de um modelo econômico, que não eliminou a tradição escravista da sociedade brasileira. Por esta razão, o paradigma racial é um marco orientador da realidade brasileira, legitimando as ações políticas, econômicas, sociais e culturais, como por exemplo, a política migratória que “[...] possui uma dimensão ideológica que é o branqueamento da população brasileira.” (Ortiz, 1985, p. 31). Assim, as expedições científicas para coleta das impressões da cultura material, realizadas no Brasil, tiveram como base a crença de que as culturas e povos do interior do país se acabariam com as mudanças do desenvolvimento do novo momento que vivia o país, levando ao resgate deste acervo em museus europeus.

Com a perspectiva de criar um projeto de nação, foram construídos os primeiros museus brasileiros, de caráter etnográfico, em diferentes momentos do século XIX, mas seus projetos de caráter científicos são dos anos 1890: o Museu Real ou Nacional (1808, diretor científico: João Batista Lacerda 1895-1915), o Museu Paraense Emílio Goeldi (1866, diretor científico Emílio

Goeldi: 1893-1907) e o Museu Paulista (1894, diretor científico: Herman von Ihering 1894-1916). Através de sua literatura e museografia, os museus procuravam compreender a questão social brasileira utilizando o paradigma racial. Em suas publicações, os textos antropológicos são fundamentados na antropologia física e na craniologia,

[...] cujo foco de interesse se centrava no desenvolvimento cultural da humanidade como um todo e não de uma sociedade em específico, os antropólogos dos museus pareciam entender o país como um grande ‘arquivo’; de documentos originais e fundamentais para a verificação e estudo das ‘etapas atrasadas da humanidade’, ou dos ‘momentos perdidos’ na história da humanidade. (Schwarcz, 1993, p. 92).

Não somente nos museus, como nas Ciências, em sua etapa inicial de desenvolvimento no país, a presença do negro estava ignorada. É tão grave que, em 1888 - ano da abolição da escravidão - Silvio Romero escrevia:

É uma vergonha para a ciência do Brasil que nada tenhamos consagrado de nossos trabalhos ao estudo das línguas e das religiões africanas. (...) nós que temos o material em casa, que temos a África em nossas *cozinhas*, com a América em nossas *selvas*, e a Europa em nossos *salões*, nada havemos produzimos neste sentido! É uma desgraça. (Romero, citado por Rodrigues, 1988, p. XV).

As imagens do negro nos museus brasileiros oscilam entre a invisibilidade e a representação enquanto escravo. Os diversos movimentos para repensar a teoria e a prática museológicas ainda não conseguiram formas e conteúdos que possam dar conta da pluralidade étnico-cultural do país. A Museologia, preocupada com as questões e reflexões que incorporam o ser humano e não somente as coleções, sobre a influência da efervescência dos movimentos sociais dos últimos anos, procura ultrapassar os limites dos referenciais eurocêntricos, considerando as culturas ameríndias e africanas, não mais como inferiores ou somente folclóricas e exóticas. Essas reflexões são motivadas pela ação de pessoas e grupos, antes excluídos dos processos museológicos. Ao revisar as teorias e práticas que incorporem este tipo de abordagem, destacam-se dois eventos internacionais promovidos pelo ICOM (Conselho Internacional de Museus):

1. Em 1970 (Santiago de Chile), a Mesa Redonda sobre o desenvolvimento e o papel dos museus no mundo contemporâneo, na qual foi enfatizado, “[...] o papel dos museus na construção do processo histórico, cientista, tecnológico e de educação permanente, como também, comprometido com a melhoria da qualidade de vida e, sobretudo, com a participação do cidadão.” (Nascimento, 1993, p. 23).

2. Em 1984, as questões referentes às novas teorias e práticas museológicas foram discutidas oficialmente na Conferência Geral de Quebec - Canadá. Nesta oportunidade, foram criados o Comitê Internacional de Ecomuseos e Museus Comunitários dentro do ICOM e a Federação Internacional da Nova Museologia. A este respeito destaca Nascimento (1993) que, estas discussões representam a oportunidade para uma “[...] revisão conceitual com relação à instituição museu, a função educativa e social, o alargamento do conceito de patrimônio, bem cultural, ação e participação comunitária.” (p. 24). Esta perspectiva aponta para rupturas com as práticas museológicas tradicionais, fazendo surgir experiências como as do ecomuseu, museu-didático, museu-comunitário, etnomuseu, etc., nas quais se considera o “[...] papel ativo do sujeito que conhece e transforma a realidade.” (Santos, 1990, p. 19).

Com este tipo de reflexão, abrem-se janelas e portas que possibilitam a reflexão de questões como: cidadania, etnicidade, identidade, pluralidade cultural, alteridade, educação ambiental, etc., questões que ultrapassam o viver atual. Relacionar museologia e identidade étnica se constitui como uma prática necessária, considerando que a prática museológica não poderia estar dissociada do viver cotidiano, nem dissociar-se das questões étnicas, pois estão presentes na sociedade. A concepção museológica do projeto do Museu Afro-Brasileiro tem como referência estas reflexões e a dinâmica vivenciada pelas comunidades afro-descendentes. Em relação aos grupos que participaram e participam do carnaval, é necessário entender seu patrimônio cultural como um fenômeno social construído pelos sujeitos e o museu como um espaço de intervenção social, no qual os sujeitos se reconhecem através de uma linha de continuidade, baseada na herança africana, também de caráter intercultural, pois o continente africano, matriz desta cultura, é diverso e plural.

Durante um longo período da história brasileira nos museus predominavam as réplicas das senzalas (habitação dos escravos), os instrumentos de tortura, documentos sobre o tráfico

escravista, documentos e objetos dos cultos religiosos, adquiridos, geralmente, em incursões policiais. Desta maneira, esses museus retratavam a história do negro num período específico, o da escravidão, omitindo a história e a cultura dos povos, como se todos os escravos, negros livres e mestiços tivessem vivido somente nestes momentos, sem relação com o passado, o presente e o futuro. Ao retratar este momento de escravidão, os museus compõem um imaginário de depreciação da auto-estima, funcionando como mantenedores do ordem colonial, que concebe ao ser humano como peça - mercadoria.

No período escravista, a presença dos quilombos é o elemento de maior representatividade das lutas de resistência ao sistema oficial. Depois da abolição, no século XX, estas lutas persistem, principalmente, nos centros urbanos, frente às transformações no quadro econômico, com a introdução da mão de obra imigrante e na posterior industrialização, tornando-se a cidade num lugar onde as contradições, inclusive as étnicas, marcam o viver urbano.

O processo de luta dos negros tem seu início desde a saída dos africanos escravizados de sua terra, passando pelas lutas individuais-solitárias às lutas coletivas-solidárias, seja nas cidades, no campo, nas minas de ouro, nas diversas práticas silenciosas de abortos, suicídios, no banzo (tristeza profunda que leva à depressão e à morte), ou organizando revoltas, insurreições, quilombos, ou ainda, formando irmandades, grupos de capoeira, associações recreativas, culturais e políticas. Um processo vivenciado através da identificação e preservação de elementos formadores de identidade, como suporte para a denúncia e combate das situações de racismo.

Em relação à organização político-cultural, depois da abolição, grupos de negros começaram a identificar-se, tentando organizar-se em pequenos clubes ou associações recreativas, culturais e educativas, onde poderiam exercitar sua cidadania e compartilhar as mesmas problemáticas de exclusão sofridas na sociedade brasileira. Paralela às associações, também tinha uma *imprensa negra*, nos anos 1930, elaborada por estes grupos, com objetivos explícitos de luta por cidadania, reconhecimento e integração do negro na sociedade, servindo para agregar diferentes grupos e para divulgar os acontecimentos sociais.

Desde a abolição da escravidão, a sociedade e o estado brasileiro tentam neutralizar a força dos movimentos negros, ainda que pareça que em momentos são favoráveis, como na

década de 1930, quando o regime do Estado Novo legalizou a *Umbanda* (religião afro-brasileira), mas, contrariamente, fechou a *Frente Negra Brasileira*, importante associação de negros e mestiços que se destacava nas atividades de alfabetização e divulgação de suas ações numa *Imprensa Negra*. Os movimentos foram recriados a partir dos anos 1970, conseguindo imprimir na sociedade brasileira uma nova configuração de militância, dando suporte à criação de novos sujeitos sociais que delimitam com ações e, principalmente, com discursos políticos e estético-políticos, uma linha de identificação especificamente negra, denunciando e combatendo as diversas expressões do racismo. Neste contexto foram criados os Movimentos Negros contemporâneos - fortalecidos pelos movimentos sociais - que se caracterizam pelas novas formas de participação coletiva, pela pluralidade do social, diversidade de práticas e meios para garantir as conquistas; são movimentos heterogêneos, portadores de contradições e ambigüidades, que se desenvolvem e se redefinem no próprio contexto, no qual os atores sociais, os homens e mulheres juntos, vivenciam também o processo de construção, recriando valores, hábitos, etc., tornando-se em espaço para diversas formas de expressão.

No caso específico de Bahia, as mobilizações em torno da criação do *Movimento Negro* foram também influenciadas pelo quadro social e econômico que começava a transformar-se com a instalação do Centro Industrial de Camaçari, na zona metropolitana. Neste período, os limites dos espaços sócio-raciais adquirem uma nova configuração, quando parte do segmento negro, marginado pelo processo produtivo econômico, começa a ter acesso e ascensão econômica através de sua instalação. É importante enfatizar que as barreiras sociais não são transpostas somente com a mobilidade social, uma vez que a segregação não se dá somente pela relação raça x classe (raça como categoria política, não biológica). Isto era visto quando jovens negros e mestiços, que atingiam melhor nível econômico, seguiam segregados social e politicamente.

Os sujeitos, como atores sociais, constróem identidades a partir da confrontação, nos conflitos das relações cotidianas. A partir deste período, marcado pela ditadura militar, teve um aumento do número de organizações políticas e culturais que afirmam e divulgam a cultura afro-brasileira, expressa no modo de ser e estar especificamente negro, resultante de um processo de construção e afirmação de identidade étnica, rompendo com padrões racistas que dizem que o

negro é uma raça inferior. Imbuídos de discursos e práticas de desmistificação dos estereótipos, os diversos grupos e entidades do movimento negro transformaram o viver urbano de Salvador.

A presença africana no carnaval de Bahia

Para falar da participação da comunidade negra no carnaval de Salvador, é necessário voltar efetivamente a um passado mais longínquo. No início do século XX, os jornais falavam da presença de agremiações tais como a *Embaixada Africana* e *Pândegos de África*. Esta situação não era bem vista pela sociedade racista da época. O médico e antropólogo Raimundo Nina Rodrigues, baseado em teorias racistas que se desenvolviam no período, dizia: “[...] todo isto é incompatível com nosso estado de civilização.” (Rodrigues, 1988, p. 157). Da mesma forma, enfrentando à sociedade racista, os grupos seguiram seu caminho, com mais ou menos participação, mas sem deixar de mostrar-se no carnaval.

O movimento contemporâneo dos grupos negros no carnaval, surgiu na medida em que os negros de Salvador delimitaram um espaço próprio no carnaval. Segundo Dantas (1994), Freitas (1996), Moura (1987) e Risério (1981), as entidades negras representadas pelas batucadas, afoxés e blocos-afro surgiram da inspiração africana e da afirmação étnica dos grupos de jovens. As entidades criadas em forma de associações e grupos culturais passaram por um processo de transformação, deixando o caráter informal para transformar-se em indústria cultural e importantes organizações não governamentais (OnG), a partir dos anos 1980.

O carnaval, ainda que seja um momento em que o povo critica a ordem social vigente e os poderes estabelecidos, paradoxalmente também funciona como espelho das relações sociais e em muitos casos repete suas relações. A presença dos grupos de negros no carnaval não garante que as questões raciais estejam resolvidas. No carnaval se pode ver nas ruas uma grande quantidade de gente trabalhando, temporariamente, segurando as cordas dos diversos blocos de carnaval, os vendedores ambulantes, os carregadores de diversos produtos (que levam dos caminhões até as barracas grandes barras de gelo, cervejas, etc.), trabalhadores formais da limpeza urbana. Quadro não diferenciado do cotidiano, ou seja, os negros ainda ocupam as vagas de trabalho mais baixas na sociedade. Por isso os grupos respondem a esta problemática com propostas de trabalhos sociais.

Os blocos-afro se organizam numa manifestação cultural de negros e mestiços provenientes de bairros populares da cidade de Salvador, com o princípio de afirmação de cidadania e reafirmação da herança africana. Durante a festa carnavalesca, os diversos segmentos sociais se fazem representar organizados em pequenos ou grandes grupos, como as *Comparsas de Barranquilla*, representando simbolicamente a herança africana, através da música, indumentária e adornos. A identidade étnico-cultural dos grupos é construída através de estratégias de sobrevivência numa situação de marginalização social relativa a seus direitos de cidadania. O processo de definição e redefinição de identidade social desta população conta com variadas estratégias frente às imposições ideológicas e às restrições explícitas ou implícitas que impedem a integração econômica e a participação política do negro na sociedade.

Os blocos mais antigos são os chamados Afoxés, que levaram os ritmos da musicalidade dos Terreiros de Candomblé para o carnaval. As comunidades Terreiros são lugares de culto, onde os descendentes dos africanos recriaram sua religião tradicional dos Orixás. A religiosidade é uma importante fonte de inspiração para os grupos, através da utilização de elementos africanos, presentes nas línguas, na música e dança, na maneira de vestir-se, ou seja inspiração no viver africano.

Na pesquisa que está sendo organizada pelo Museu Afro-Brasileiro, até o momento foram estudados os primeiros grupos que se expressaram especificamente como blocos-afro com características de movimento social. Por isso não estão apresentados todos os grupos que desfilam no carnaval.³

Afoxé Filhos de Gandhi

Os negros brasileiros souberam burlar, de variadas maneiras, o sistema escravista, não somente na organização de grupos de luta e reivindicação, como também como através da festa, da música, dança e, principalmente, da religiosidade, para manter e re-elaborar suas raízes culturais, deixando marcas na cultura nacional. Como era proibido que praticassem suas religiões tradicionais, utilizaram as festas católicas como significativos espaços, palco para o surgimento de diversas manifestações culturais, mas participavam fora das igrejas, precisamente o átrio foi o lugar permitido. Nestas festas rememoravam as histórias dos reinos, reis e rainhas africanos,

contavam as epopéias de seu povo, a exemplo das congadas, maracatus, ranchos, etc. e os blocos-afro.

Os Afoxés, lembravam uma antiga festa religiosa praticada na igreja católica: as Congadas (Reis do Congo), que têm sua origem nos Terreiros de Candomblé nos finais do século XIX, segundo Rodrigues (1988). O Afoxé Filhos de Gandhi foi fundado em 1949 por trabalhadores do porto de Salvador. Caracterizava-se por ser uma agremiação de estivadores sindicalistas que se identificavam com a religião do Candomblé, pregando a paz social, “[...] evidenciando a superioridade moral do oprimido frente ao opressor.” (Morais, 1991, p. 78). Nos anos 1970, encontrava-se em “[...] refluxo, talvez porque sua composição majoritária era de trabalhadores já não tão jovens” (Moura, 1987, p. 11). Neste período o compositor e cantor Gilberto Gil (atual Ministro da Cultura) participou de seu carnaval, revigorando sua importância no palco cultural da cidade.

Desde sua criação, somente homens compõem o grupo, saem às ruas vestidos de branco com detalhes azuis, formando um imenso tapete branco desfilando no carnaval. Antes da saída fazem um ritual de oferendas na Largo do Pelourinho, bairro do centro histórico da cidade.

Bloco-Afro Ilê Aiyê

O carnaval era - e contínua sendo - um espaço de demarcação social. Nos anos 1970 os clubes carnavalescos não permitiam a entrada de jovens negros, não de maneira declaradamente racista, mas utilizando a barreira determinada pelos altos preços que os jovens pobres não podiam pagar. Quando começam as mudanças na estrutura econômica e social com a construção do Centro Industrial de Camaçari, resultou uma melhoria das condições de vida da população. Então, os jovens com melhores condições financeiras procuravam estes clubes e a entrada lhes era negada. Como resposta criaram um grupo exclusivamente de negros, pelo que a sociedade protestou.

O desenvolvimento dos grupos chamados blocos-afro tem sua origem no bairro da Liberdade e adjacências. Um grupo de jovens formou o chamado *Zorra Produções*, que organizava passeios, campeonatos de futebol e festas. O grupo começou num Terreiro de

³ No final do texto encontra-se uma lista dos afoxés e blocos-afro inscritos no Carnaval de Salvador 2004.

Candomblé - Ilê Axé Jitolu -, influenciado também pelo Movimento Afro-Americano e pelos processos de independência das colônias africanas. Transformou assim a idéia do *black americano* em *afro-brasileiro*, criando o 1º de novembro de 1974 o Bloco Afro Ilê Aiyê, nome de origem yoruba, ilê -casa- e aiyê mundo -; na simbologia do grupo o nome é compreendido como nossa casa, casa de negros, incorporado no imaginário do bloco como Mundo Negro - *Senzala do Barro Preto*. O fundador do grupo Antônio Carlos dos Santos Vovô, inspirou-se em seu avô que tinha um afoxé, antes do Filhos de Gandhy, chamado *Africano Ideal*.

Estes jovens, investidos de um discurso eminentemente político contra a discriminação racial, saem às ruas no carnaval de 1975, com o propósito de mostrar a cultura negra de origem africana, através da língua iorubá (utilizada no Candomblé), indumentária, penteados, adornos e ritmos africanos, fazendo política e cultura no carnaval: “[...] política de ensinar o que é ser negro e transformar neguinho em negão. Cultura? A da Senzala, que a Casa Grande diz que não tem.” (Ilê Aiyê, 1994, p.7). Contrariando os padrões estabelecidos, um bloco só de negros, saiu por primeira vez, cantando a canção *Mundo Negro*:

*Que bloco é esse
que eu quero saber
é o mundo negro
que vamos mostrar pra você.*

O confronto direto da questão racial provoca a identificação entre iguais, *discriminados*, afirmando o contraste existente como suporte para vencer as barreiras racistas da sociedade. Nesta perspectiva, o bloco reinterpreta os estereótipos em suas composições:

[...]... se diz que o negro é feio, nós dizemos que é bonito, se o pessoal diz que negro fede, nós dizemos que é cheiroso, que tem um aroma gostoso! Diz que o cabelo é ruim, não, é duro! Se diz que o cabelo do negro não cresce, a gente diz e mostra na prática que o cabelo cresce... Tudo que eles falam de forma pejorativa, nós mandamos de volta ao contrário! (Antônio Carlos dos S. Vovô/presidente de Ilê Aiyê, In: Freitas, 1996).

Com base na diferença, procurando o contraste, o grupo começou um processo explícito de construção e afirmação de identidade étnica; não obstante ser uma categoria flexível, mutante,

a identidade negra é procurada através de uma raiz comum, uma desejada africanidade expressada nos sinais diacríticos com suportes na religião, linguagem, cor, etc., e principalmente, nas formas de diversão, fazendo uma articulação entre a africanidade desejada e o viver contemporâneo. Não são as diferenças em si as que constroem a identidade étnica, mas, elas “... fazem das diferenças sinais diacríticos, pois se constroem pela tomada de consciência e não pelas diferenças em si.” (Pinto, 1990, p. 112).

O Ilê Aiyê foi o primeiro bloco-afro que lançou um disco no mercado musical baiano, em 1984. A musicalidade do grupo se caracteriza pelo uso dos tambores, que fazem o chamado samba duro, onde se insere o toque ijexá, originário do Candomblé, que inspirou uma variedade de ritmos, responsáveis pela ascensão da música afro-baiana.

O grupo não se ocupa somente do carnaval. A partir do ano 1995, o Ilê Aiyê começou a desenvolver em suas escolas (Escola Mãe Hilda e Escola de Percussão Banda Erê) e nas escolas públicas do bairro o *Projeto de Extensão Pedagógica*, como forma de divulgar a história e cultura afro-brasileira e trabalhar positivamente a auto-estima de crianças e jovens do bairro.

Bloco-Afro Olodum

Em 1979, outro grupo de jovens negros e mestiços criou um novo bloco-afro na zona do centro histórico, chamado Olodum, que em iorubá significa o diminutivo de Olodumaré (Deus dos Deuses). O grupo buscou uma relação com a comunidade e com os valores da *negritude*. A identidade cultural, resgatada pelo grupo em sua música e discursos ideológicos é apropriada do cotidiano da população local e devolvida em forma de manifestações de cultura e cidadania, procurando resgatar a auto-estima da comunidade, historicamente marginada do contexto social.

O grupo coordena a Escola Criativa Olodum, para os primeiros níveis do ensino e além do currículo oficial, oferece em seus cursos conteúdos de história e cultura dos negros no Brasil. No segundo turno de cursos oferece classes de música, inglês, confecção de instrumentos musicais, sempre com a preocupação da formação para a cidadania. João Jorge Rodrigues, diretor do grupo, em entrevista concedida ao Jornal Afro-Reggae Notícias, fala como foi a transformação do grupo de carnaval em OnG:

O bloco veio primeiro. A transformação só ocorreu em 1983, com os objetivos de diversificar as atividades do carnaval, converter o trabalho em desenvolvimento de ações com a comunidade do Maciel-Pelourinho, criar uma consciência sobre o processo de civilização dos negros brasileiros e africanos e, principalmente, trabalhar com a idéia de que pela via cultural nós podemos influenciar a política de um modo grandioso. (Jornal Afro-Reggae Notícias, N. 7, p. 11).

Bloco-Afro Malê Debalê

O grupo Malê Debalê foi criado em 1979, por um grupo de vizinhos de Itapuã, bairro da orla marítima, distante do centro de desfiles do carnaval. Seu nome é uma homenagem aos Malês, negros muçulmanos, que lutaram contra a escravidão. Segundo o grupo, eles se inspiraram na espiritualidade dos Malês porque é uma importante herança cultural, que continua sendo um exemplo de união, seja rememorando os tempos da escravidão, ou na atualidade, quando têm que lutar para garantir as mínimas condições de vida numa sociedade excludente. Neste sentido, o grupo tomou para si a missão de, não somente narrar esta história, como principalmente, transformá-la num exemplo ancestral para as novas gerações:

Malê Debalê é um grupo sem fins lucrativos que, preocupado com a penetração violenta de valores culturais alheios a sua história e a suas circunstâncias, promovem, apoiam e criam alternativas culturais que harmonizam o passado com o presente, tendo em vista fortalecer a identidade de suas comunidades.⁴

Bloco-Afro Araketu

Criado em 1980, inicialmente no bairro de Itapagipe, atualmente sediado no bairro de Periperi. Os elementos que dão forma ao Araketu (em iorubá, povo do Reino de Ketu - Nigéria), têm também sua origem no âmbito do Candomblé. Mantendo a tradição africana da não separação entre a música e a dança; os blocos-afro recreiam a dança dos Orixás. Araketu foi o primeiro bloco que misturou o som de tambores com os instrumentos elétricos e sintetizadores.

⁴ Disponível em: <http://www.carnasite.com.br/carnaval/blocosafros.asp>

Realizam no bairro um trabalho cultural e social com crianças e jovens, para tal projeto, o grupo criou o *Instituto Cultural Araketu*.

Bloco-Afro Muzenza

O grupo foi fundado o 1º de Março de 1981, mudou várias vezes de sede, os bairros da Ribeira e Massaranduba foram seus anfitriões até instalar-se definitivamente no bairro da Liberdade. A expressão Muzenza é de origem Bantu, denomina o iniciado no Candomblé Angola. O Bloco Muzenza procurou particularizar-se, estabelecendo, desde sua criação, uma relação mítica com os negros afro-jamaicanos, especialmente com a música de Bob Marley, o ritmo musical reggae e a crença rastafari, o cantor se transformou num ídolo dos jovens negros e mestiços baianos. Atualmente o grupo trabalha com crianças e adolescentes em atividades educativas, orientadas por educadores do *Projeto Axé*.

Banda Feminina Didá

É um grupo formado exclusivamente por mulheres. Foi criado no bairro do Pelourinho, por Antônio Luiz de Souza, conhecido como *Neguinho do Samba*, percussionista que passou por outros grupos, como o Ilê Aiyê e o Olodum, ele também é o criador do ritmo do *samba reggae*, ritmo hoje utilizado por muitos outros grupos de música brasileira. O nome Didá é também uma referência iorubá, significa *as criadoras do mundo*. O grupo se converte num projeto social e cultural, no qual as mulheres coordenam uma escola de música e dirigem uma clínica de ginecologia e pediatria para atender a outras mulheres do bairro, que não podem pagar a consulta e não conseguem ter acesso aos serviços públicos de saúde. Com esta integração com a comunidade as garotas formam o que chamam Família Didá, inspiradas na idéia de família africana que agrega uma grande quantidade de pessoas, parentes ou não. Além de trabalhar com as mulheres (mães) do bairro têm projetos educacionais com as crianças.

Considerações Finais

O processo de construção de identidade étnica se dá no âmbito das relações entre etnicidade, classe e gênero. O ser negro ou negra não está dissociado da condição de classe subalterna da maioria dos negros. O preconceito racial ultrapassa a questão de classe, não se é discriminado ou discriminada tão só pela condição econômica, a cor da pele marca e define

relações sociais na Bahia. Ainda que existam os blocos-afro na cidade de Salvador, tal cenário não se modificou totalmente. (Bacelar, 1989, p. 95).

Os grupos, chamados blocos-afro são organizações culturais, educativas e recreativas; e também entidades do movimento negro baiano, que através de sua música e discurso protestam contra a discriminação racial. A estética dos blocos-afro foi construída a partir da associação de fragmentos de ideários políticos e religiosos relacionados com a realidade imediata dos jovens negros das comunidades pobres de Salvador. Afirmando assim, uma identidade específica do negro, que em sua maioria vive marginado socialmente; os grupos do carnaval afro-brasileiro de Salvador passaram a reconstruir uma história própria baseada no resgate da herança da cultura africana. Uma construção de identidade que não somente comporta o aspecto simbólico de criação de um espaço de liberdade, como que também têm como meta mudanças, que garantam a participação política e econômica da coletividade negro-mestiça de Salvador.

Através desta investigação se pode observar que os blocos-afro se organizam como uma manifestação cultural dos negros e mestiços dos bairros populares de Salvador, com o objetivo de buscar a valorização de seu povo (afro-descendente) e afirmar sua identidade. São entidades que representam o trabalho educativo e cultural na comunidade de Salvador.

Não se pode negar que, em muitos casos, os grupos buscavam e ainda buscam uma África mítica, através dos *rastros perdidos*, dos fragmentos de uma *memória negada, seqüestrada* na captura dos seus ancestrais. Essa *desejada* africanidade é expressa numa possível raiz comum, que mesmo diante da diversidade, aparece nos sinais diacríticos com base na religiosidade, nas lutas por liberdade, nas linguagens, na cor da pele etc., e principalmente nas formas de lazer, fazendo o elo entre a africanidade ancestral, relativa mais especificamente ao campo da imaterialidade, e o viver contemporâneo, relativo à dinâmica da materialidade/imaterialidade. Com base na diferença e no contraste, os grupos do *afro-carnaval* de Salvador e de Barranquilha estão inseridos em processos explícitos de construção e afirmação de identidade étnica, que por sua vez é flexível, mutante e plural.

No projeto museológico do Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal de Bahia os membros das comunidades também poderão participar ativamente, pois a idéia é que seja um projeto de todos. A primeira etapa que se desenvolve agora, tem como finalidade revisar a

bibliografia correspondente e dar uma fundamentação teórica que sirva de base para uma segunda etapa, na qual a comunidade vinculará seus próprios saberes. Por esse motivo é de fundamental importância que em sua nova exposição estas manifestações sejam documentadas e expostas para contribuir com a sua valorização cultural. Este projeto é interdisciplinar, pois congrega e articula teorias e práticas de diferentes ciências, museologia, história, antropologia, educação e sociologia, entre outras, contribuindo para o fortalecimento das ações investigativas, docentes e extensionistas comunitárias da Universidade Federal da Bahia e suas homólogas, como a Universidade do Norte de Barranquilla.

Referências

- BACELAR, Jeferson. A. *Etnicidade: ser negro em Salvador*. Salvador: Penba/Ianamá.1989.
- DANTAS, Marcelo. *Olodum; de bloco a holding cultural*. Salvador: Grupo Cultural Olodum. Fundação Casa de Jorge Amado, 1994.
- FREITAS, Joseania Miranda. *Museu do Ilê Aiyê: um espaço de memória e etnicidade*. 1996. Dissertação (Mestrado) — Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- ILÊ Aiyê. Pesquisa para o tema de 1994. Salvador, 1994. (Texto digitado).
- JORNAL AFRO- REGGAE NOTÍCIAS. Ano II, n. 07, jun. / jul.1994.
- MORALES, Ana Maria. Blocos negros em Salvador: reelaboração cultural e símbolos de baianidade. *Caderno CRH* (Suplemento). Salvador: CRH/FATOR, 1991.
- MOURA, Milton. Faraó, um poder musical. *Caderno do CEAS* (112) 10-29. Salvador. 1987.
- NASCIMENTO, Rosana A. D. O Objeto museal, sua historicidade, implicações na ação documental e na dimensão pedagógica do Museu. 1993. Dissertação (Mestrado) — Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador. Salvador.
- ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- PINTO, Regina P. Movimento negro e etnicidade. *Estudos Afro-Asiáticos* (19). Rio de Janeiro. 1990.
- RISÉRIO, Antônio. *Carnaval ijexá*. Salvador: Corrupio, 1981.
- ROCHA, Everardo. *O que é etnocentrismo*. 10. ed., São Paulo: Brasiliense, 1994. (Coleção Primeiros Passos).

RODRIGUES, Nina. *Os africanos no Brasil*. São Paulo: Nacional; Brasília: UnB, 1988.

SANTOS, Maria Célia T. M. *Repensando a ação cultural e educativa dos museus*. Salvador: UFBA, 1990.

SCHWARCZ, Lília M. *O espetáculo das raças; cientistas, instituições e a questão racial no Brasil. 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

INTERNET

<http://www.carnasite.com.br/carnaval/blocosafros.asp>

http://www.grupoaraketu.com.br/bloco_bloco.html

<http://ileaiye.com.br/>

www.emtursa.ba.gov.br/

AFOXÉS <http://www.portaldocarnaval.ba.gov.br/entidades.asp>

Código de chamadas: (5571)

FILHAS D'OXUM Rua Frei Vicente 31, Pelourinho CP: 40000-000 Teléfono: 321-6334 / 9121-0641	FILHAS DE GANDHY Rua Gregório de Matos 51 - Centro Historico CP: 40025-060 Teléfono: 327-0441 Fax: 362-1671 E-mail: filhasdegandhy@yahoo.com.br
FILHAS DE OLORUM Rua do Passo nº12 Edf. Oriom terro - Centro Historico CP: 40030-070 Teléfono: / 9125-3418	FILHOS DE GANDHY Rua Gregório de Matos 53 - Pelourinho CP: 40025-060 Teléfono: 321-7073 Fax: 321-9013 E-mail: filhosdegandhy@yahoo.com.br Home Page: www.filhosdegandhy.cjb.net
FILHOS DE KORIN EFAN Ladeira do Paço Bairro Bairro do Carmo, nº 26 - Pelourinho CP: 40055-050 Teléfono: 321-1023 / 322- 2404 E-mail: filhosdokorinefan@hotmail.com.br	FILHOS DE OGUM DE RONDA Praça de Oxum nº 01 - São Bartolomeu - Plataforma CP: 40;000-000 Teléfono: 408-6971 / 217-2041 Fax: 388-2289 E-mail: gccafor@yahoo.com.br
FILHOS DE XANGÔ Rua Alto Formoso, 23 - Cosme de Farias CP: 40250-180 Teléfono: 383-7031 / 9949-1050 / Fax: 256-2219	FILHOS DO CONGO Fz. Grande IV, Setor 07, Cam.48 nº 03 - Cajazeiras CP: 41340-130 Teléfono: 219-5944 / 9937-5731 / Fax: 219- 5944
ILÊ OYA Rua Benjamim Franklim , Nº 75 - Barros Reis CP:	KAMBALAGWANZE Rua Rocha Leal, nº 49 CP: 40.000-00 Teléfono: 242-

40215-530 Telefone: 234-3955 / 389-1261	8097 / 381-8470
KORIN EFAN Ladeira do Paço nº 26 - Pelourinho CP: 40000-000 Telefone: 321-1404 / 326-1203	LUAÊ Travessa Rodrigues Castro Alves nº 18 Engenho Velho de Brotas CP: 40240450 Telefone: 258-9806
NETOS DE GANDHY Rua da Esperança, Nº 20 - Liberdade CP: 40000-000 Telefone: 243-8617 / 389-6393	OLORUN BABA MI Rua Guaiba , Nº 18 - Caixa D' Água CP: 40320-590 Telefone: 388-6704 / 326-6077 E-mail: iranse@ig.com.br
OYÁ AXOGUM SOBÔ Rua Barão de Mauá nº 68 - Arenoso Telefone: 264-6118	TENDA DE OLORUM Rua Lopes Trovão, Nº 146 - Massaranduba CP: 40435-000 Telefone: 314-3109 / 3495-4629 E-mail: sotero@petrobras.com.br

BLOCOS AFROS <<http://www.carnasite.com.br/carnaval/blocosafros.asp>>

Código de chamadas: (5571)

A MULHERADA Rua Maciel de Baixo 55 1ª - Pelourinho CP: 40026-240 Telefone: 326-7166 / Fax: 242-8480 Email: mulherada@pelourinhovirtual.com.br www.pelourinhovirtual.com.br/amulherada.html	ABI SI AIYÊ Parque Vista Alegre, Rua A, aptº. 001, bl.144G – Coutos CP: 40730-320 Telefone: 408-6008 Fax: 407-70320
AGBARA Fazenda Grande 4, Setor 5, Boca da Mata CP: 41330-010 Telefone: 389-8148 / 305-0062	ALABÊ Rua do Curuzu, Nº 282 Liberdade Telefone: 256-6521
ALERTA MENTE NEGRA Travessa Guaiba nº 28, Caixa D'Água CP: 40320-590 Telefone: 243-2250 Email: afroalerta@ig.com.br	AMANTES DO REGGAE Rua Vera Cruz 13 - Pau Miúdo CP: 40315-460 Telefone: 389-2308
AMIGOS DO BABÁ Rua Santa Luzia, Nº 44 - Pau Miúdo CP: 40310-370 Telefone: 256-9455 Fax: 242-4911	ARAKETU Rua Afonso Celso, 161 – Barra CP: 40140-080 Telefone: 264-8800 Fax: 264-8819 Email: direcao@grupoaraketu.com.br Home Page: www.grupoaraketu.com.br
ARCA DE OLORUM 2ª Travessa da Paz, nº 36 E - Rio Sena	ARCA DO AXÊ Travessa São Francisco 214, Engomadeira

CP: 40715-890 Telefone: 346-0821 / 218-4521 Fax: 345-1564 Email: faeb@terra.com.br	CP: 41200-170 Telefone: 384-4466 Fax: 385-9739
AXÉ BABA Tv. Guaiba, Nº 30 - Caixa D'Água CP: 40320-590 Telefone: / 9917-5669 Email: grcc.axebaba@ig.com.br	BANANA REGGAE Rua Escritor Edson Carneiro nº 08 1ª andar CP: 41100-030 Telefone: 450-8490 / 450-3124 / Fax: 450-8490 Home Page: www.bananareggaehpg.com.br
BANKOMA Endereço: Rua Queira Deus, 78 Portão – Lauro de Freitas CP: 42700-000 Telefone: 379-9873 / 9153-9478/369-2813 Email: sgomeia@ig.com.br	BLOCO DAS BAIANAS Rua Poratugal, 04 - Ed. Senador Dantas sala 502 – Comércio CP: 40015-050 Telefone: 282-1730 / 9144-0888 / 8817-1703 Fax: 338-1703
CORAÇÃO RASTAFARI Av. Oceânica 3719 , Sala 08, Ondina CP: 40210-000 Telefone: 332-1399 / Fax: 358-4848 Email: ijclima@zipmail.com.br	CORTEJO AFRO Rua Inacio Aciollly, 27 Pelourinho CP: 40000-000 Telefone: 392-0232 / Fax: 247-9283 Email: apitta73@hotmail.com
DENGO BAIANO Av. Beira Mar II Nº 48 – Escada CP: 41717-730 Telefone: 401-8640 Fax: 308-2574	DIDÁ Rua Grégorio de Mattos 19/21 Pelourinho CP: 40025-080 Telefone: 321-2042 / Fax: 321-9145 Mail: neguinhodosamba@ig.com.br
FILHOS DE JHÁ Rua Artur Orrico s/n Campinas de Pirajá CEP: 41280-160 Telefone: 391-5020	FURACÃO 2001 Rua Beijamim Franklim, Nº 75 - Barros Reis CP: 40315-530 Telefone: 322-4923 / 234-3955
FURACÃO ALEGRIA Rua Vera Cristina, 3 Portão - Lauro de Freitas CP: 42700-000 Telefone: 393-3596	ILÊ AIYÊ Rua do Curuzu, 167 - Liberdade CP: 40365-000 Telefone: 388-4969 / 256-1014 /Fax: 256-1013 Email: ileaiye@uol.com.br Home Page: www.ileaiye.com.br
JOGO DO IFÁ Trav. Cambira, nº 43 F - Cosme de Farias CP: 40250-625 Telefone: 233-8133 / 9916-7871	KAYÁLA DA BAHIA Rua Alameda Junior nº 57 A Faz. Coutos III CP: 40760-000 Telefone: 397-0466 / 217-3217 / 408-3530 Fax: 408-2546
MALÊ DEBALÊ Parque Metropolitano do Abaeté s/n	MUNDO NEGRO Rua Manuel Rufino - Trav. Osvaldo Pereira 22 - E -

<p>CP: 41610-510 Telefone: 285-6778 / Fax: 249-3451 Email: maledebale@bol.com.br Home Page: www.maledebale.com.br</p>	<p>Beiru CP: 41205-530 Telefone: / 9127-9224</p>
<p>MUTUÊ Av. Floresta Nº 03 – IAPI Telefone: 256-7119</p>	<p>MUZENZA Rua das Laranjeiras, nº 22 Pelourinho CP: 40025-230 Telefone: 306-5089 / 241-6840</p>
<p>OKANBI Rua Manoel Faustino, nº 26 - Engº Velho de Brotas CP: 40243-140 Fone: 261-5611 / 364-0241</p>	<p>OLODUM Rua das Laranjeiras, 30 – Pelourinho CP: 40025-060 Telefone: 321-5010 / Fax: 321-5010 Email: blocoolodum@uol.com.br Home Page: www.olodum.com.br</p>
<p>ORIOBÁ Av. Leocadio nº 27 Curuzu – Liberdade CP: 40365-250 Telefone: 386-3434</p>	<p>OS NEGÕES Rua Monte Belem de Cima, nº 12 - Vasco da Gama CP: 40243-180 Telefone: 245-0646 / 9999-5720 Email: os-negoies@hotmail.com</p>
<p>OS SACERDOTES Rua Alfredo Brito, 39 1º andar CEP: 40140-141 Fone: 3481-7167 / 322-2083 / Fax: 322-2505</p>	<p>QUILOMBO Av. Presidente Costa e Silva 15 - Dique do Tororó CEP: 40310-610 Telefone: 384-7156 / 322-5948 / 266-2391 Mail: quilombobahia@brasilmail.com.br</p>
<p>RELIQUIAS AFRICANAS Conj. Hab. Metrô I - Rua A - Q. I - Casa 31 - Rua Granja Rural – Estação Pirajá Telefone: 239-1973 / 9137-0934</p>	<p>SKA REGGAE Rua Frei Vicente Nº 15 - Pelourinho CP: 40025-540 Telefone: 321-3732 / Fax: 321-4264 Mail: skareggae@bol.com.br</p>
<p>TEMPERO DE NEGRO Rua Cambira nº 12 - Cosme de Farias CP: 40250-530 Telefone: 233-1328</p>	<p>TROÇA CARNAVALESCA / PAE BOROCO Trav. São Francisco 214, Engomadeira CEP: 41200-170 Telefone: 385-9739 / 383-3901 / Fax: 384-4466 Mail: arcadoaxe@hotmail.com</p>
<p>VULCÃO DA LIBERDADE Rua Lauro Vilas Boas, 03 - Liberdade CP: 40325-000 Telefone: 241-0927 / 241-1862</p>	<p>ZIMBABWE Av. Candeal Pequeno, 127 térreo - Brotas CP: 40280-390 Telefone: 356-0787</p>